

O REGIONALISMO NO UNIVERSO LITERÁRIO DE ABSALOM, ABSALOM! E FOGO MORTO

Maria do Carmo Lanna Figueiredo *

A obra de ficção muitas vezes revela importantes tendências e atitudes de um povo que raramente recebem considerações relevantes em investigações sociais. Neste caso encontram-se as obras de Faulkner e de José Lins do Rego que serão objeto de comparação neste trabalho: **Absalom, Absalom!** e **Fogo Morto**.¹ Por isso, ao relacionarmos os dois livros, procederemos também a uma tentativa de compreensão do espírito que rege a criação de dois mundos romanescos a um tempo diferentes e similares para, através deste estudo, apreendermos melhor o processo literário do regionalismo tal como se manifesta no Sul dos Estados Unidos e no Nordeste brasileiro, na figura de dois de seus mais famosos escritores.

Fred P. Ellison, no capítulo introdutório de seu livro **Brazil's New Novel**,² estabelece o ponto de contato entre as duas regiões que, em épocas diferentes, viram-se diante de uma mesma problemática: a sociedade paternalista e semifeudal, baseada na escravatura e monocultura, que cede relutantemente seu poder a

* Professora de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG

1. William Faulkner, **Absalom, Absalom!** (3rd. printing, New York: Random House, 1936).

José Lins do Rego, **Fogo Morto** (12ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972).

2. Fred P. Ellison, **Brazil's New Novel — four Northeastern Masters** — (Berkeley & Los Angeles: University of California Press, 1954) p. 11.

um novo tipo de sociedade industrializada e moderna, já em vigor em outras partes dos mesmos países. Esta nova sociedade obriga uma total modificação no contexto das relações sociais e familiares, modificação sugerida pelo novo modelo como o canal de uma maior democratização tanto ao nível do relacionamento social quanto ao nível do individual. A mudança pressupõe um processo de evolução que é benéfico, por outro lado, porém, a distância que se cava entre os dois modelos revela-se intransponível e causa desadaptações alienantes e profundas. A modernização que é o caminho inexorável do país em busca de melhor sobrevivência, faz-nos assistir, no confronto, ao aniquilamento da velha estrutura que tende a desaparecer, apesar de sua relutância em fazê-lo.

Faulkner e José Lins do Rego são escritores que, advindos da «velha sociedade», não fecharam os olhos à sua crueldade e à necessidade de mudança para uma modernização mais humanizante do passado, mas que justamente por terem convivido com o passado, amarem-no e entenderem-no, são capazes de retratá-lo com a extrema fidelidade daqueles que contam a própria experiência.

É fator demasiadamente sabido e mencionado pelos críticos destes autores a sua identificação com o lugar de origem.³ A interpretação telúrica da história nacional, no que ela oferece de específico de cada região, traço característico dos dois escritores em estudo, indica além da constatação da existência de uma moléstia social, o conflito íntimo que esta consideração provoca no escritor que dela se ocupa. Ele é forçado a se debater entre o amor que sente por sua terra e sua gente e a racionalização que se vê obrigado a perpetrar, acusando o próprio objeto de seu afeto. Conflito que se nota em ambos e acha-se claramente mani-

3. Destacam-se as obras de José Aderaldo Castello, **José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo** (São Paulo: Edart Editora, 1961) e de Cleanth Brooks, **William Faulkner: Toward Yoknapatawpha County and Beyond** (New Haven: Yale University Press, 1978), assim como o livro de Elizabeth Ken, **Yoknapatawpha, Faulkner's «Little Postage Stamp of Native Soil»** (New York: Fordham University Press, 1969).

festos nas palavras de Quentin que encerram **Absalom, Absalom!**. Este, ao responder a Shreve que lhe perguntara por que odiava o Sul, afirma:

"I dont hate it! Quentin said quickly, at once, immedaiatly; 'I dont hate it' he thought, painting in the cold air, the iron New England dark; 'I dont. I dont! I dont hate it! I dont hate it!'"⁴

A necessidade de repetir a frase, a rapidez e emoção com que o faz bem caracterizam o conflituoso sentimento que a terra lhe desperta.

Como Faulkner, que criou o Yoknapatawpha County, José Lins do Rego fez nascer de seus livros, classificados como pertencentes ao ciclo da cana-de-açúcar, o nordeste verde do massapê. Em ambos, porém, o profundo enraizamento de suas obras ao solo natal não implica que elas se fixem nos estreitos limites do especificamente regional. As suas personagens são caracterizadas por valores emocionais e existenciais de âmbito bem mais amplo, tendendo ao universal. Seu trabalho resulta antes de uma missão de amor por toda a humanidade, como provam os desvalidos e destituídos que povoam as páginas de seus romances.

Por trazerem até nós os últimos acordes de um mundo fadado à extinção, a decadência passa a ser uma temática de extrema importância na obra dos dois autores. A maneira de focalizá-la, se bem que diferente em Faulkner e José Lins do Rego, traz a nota nostálgica de um profundo sentimento que, abatendo-se sobre as personagens, desperta naqueles que as criaram enorme simpatia. A comunhão de sentimentos entre criador e criatura que transparece nas obras destes autores conduz o leitor a um entendimento mais profundo de toda uma série de intrincadas relações psicológicas exploradas pelos romancistas. Dentre elas, merecem destaque aquelas advindas da falha social a provocar o desajuste entre passado e presente. A infrutífera luta contra o passado que oprime vidas provoca o surgimento de respostas ambíguas e desarticuladas, reflexos de uma desadaptação total

4. Faulkner, op. cit., p. 378.

ao presente, que impede as personagens de frutificar sadiamente e levar a bom termo a produtiva modificação do ambiente opressor. É o que acontece a Quentin Compson, personagem e narrador que, confrontando o passado morto do Sul num tempo em que vai começar sua vida no Norte, vê o Sul posto à sua frente, a barrar-lhe a caminhada, quando se o localizasse, como deveria, atrás de si, poderia alcançar sua realização pessoal.⁵

Em **Fogo Morto** o narrador remete-se, juntamente com suas personagens, ao passado, e, de lá, vivifica-o e faz-nos visualizar passo a passo a dissolução de uma era pretensamente feliz. A decomposição desse passado de prosperidade e paz, mesmo fingido, carrega consigo a nostalgia e explicação da tristeza cósmica que acompanha o nordestino. Nas palavras de Alvaro Lins, **Fogo Morto** é «o romance da tristeza brasileira» onde o esplendor da natureza física determina a alegria, em contraste com a natureza humana, dominada pela tristeza, miséria e doença.⁶

Apesar dessas características patenteadas-se em quase todos os romances de Faulkner e de José Lins do Rego, usaremos como base de comparação apenas **Absalom, Absalom!** e **Fogo Morto**, justamente pela propriedade com que os dois romances retratam o mundo na prisão de um específico tempo, o passado. A presença avassaladora do passado, nos dois livros, impede àqueles que nele vivem de ajustar-se ao presente e visualizar ou tentar construir o futuro, como se pode constatar pela extensa bibliografia dedicada ao assunto.⁷ Apesar de verificarmos amplamente esta

5. cf. c. Estella Schoenberg, **Old Tales and Talking**, Quentin Compson in William Faulkner's **Absalom, Absalom!** and Related Works (Jackson: University Press of Mississippi, 1977), p. 98.

6. Alvaro Lins, **José Lins do Rego** (Rio de Janeiro: Os Cadernos de Cultura, Serviço de Documentação do MEC, 1952), p. 18.

7. Por exemplo:

a) J. Guilherme de Aragão, «Espaço e Tempo em José Lins do Rego» in **Fronteiras da Criação** (Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1959).

b) Fausto Cunha, «Relações do Tempo em **Fogo Morto**», **Folha da Manhã** (São Paulo; 7 dez. 1957) e **Correio da Manhã** (Rio: 3 nov. 1968).

c) Clean Brooks, «Man, Time and Eternity», **William Faulkner: The Yoknapatawpha County** (New Haven: Yale University Press, 1963).

hipótese pelos livros, não será ela objeto de menção especial no decorrer do trabalho, a não ser quando isso se faça necessário à elaboração de outros aspectos a serem estudados. Entretanto, sentimos a importância de destacar tal aspecto dos romances porque, através dele, fica claro o que se situou anteriormente como o tipo especial de regionalismo, criado por Faulkner e José Lins do Rego. Para nosso estudo, interessa-nos o paralelo passado-presente como evidência de que, em qualquer época em que a situação se repita, o mesmo drama poderá aparecer — o que aumenta a validade das estórias narradas, assim como explica a sua permanência através dos anos.

Será objeto de maior destaque nessa comparação, a incapacidade de ajustamento à realidade presente, o espelho da decadência que se revela, sob diversas modalidades, nas personagens criadas pelos dois romancistas: seres profundamente humanos e comoventes, enquanto representantes de uma região e de uma era já ultrapassada. Ao focalizarem esta realidade, Faulkner e José Lins do Rego preocupam-se em desvendar-nos tanto a tragédia cósmica do homem atado a forças estranhas a ele, quanto a luta do homem contra o homem e contra si mesmo, num processo gradativo de aniquilamento. Erigem-se em exemplo vivo dessa situação o coronel Lula, Miss Rosa Coldfield, Henry Sutpen, o mestre José Amaro, se quisermos lembrar os mais típicos.

O drama social e pessoal que atinge as personagens dos dois livros tem suas raízes no ambiente próprio de toda uma região do qual participam também milhares de pessoas, engolfadas por sistemas de produção ultrapassados que serão a causa de uma decadência irremediável em todos os níveis, como o provam a vastíssima sessão da nossa sociedade contemporânea. Este é um caso em que ficção e realidade caminham passo a passo e, ao analisar livros com as características destes, não podemos isolar o seu valor de documento.

Lembrando as palavras finais de **Fogo Morto**:

Agora viam o bueiro do Santa Fé. Um galho de jitirana subia por ele. Flores azuis cobriam-lhe a boca suja.

- E o Santa Fé quando bota, Passarinho?
- Capitão, não bota mais, está de fogo morto.⁸

Vemos que aí se concentram os índices de uma estrutura sócio-econômica em degradação, ou melhor dizendo, de uma infra-estrutura que a ficção de José Lins do Rego reduplica, no seu processo de transformação.

As personagens Passarinho e Vitorino Papa-Rabo que aparecem no trecho são elementos rebelados na estrutura anacrônica dos latifúndios. Sua rebeldia, porém, revela-se impotente porque é assimilada pela própria estrutura que não se modifica por causa dela. Uma verdadeira rebeldia viria de fora. Note-se que a bebida de Passarinho e o desafio político de Capitão Vitorino podem ser considerados vícios, gerados pelo sistema em decadência e não rebeldia. Ambos, apesar de serem os mais aptos a atingir e a deixarem-se atingir pelo drama humano, acham-se desumanizados desde os próprios nomes e no isolamento em que se acham colocados por lhes faltar o sentido real de comunhão com a terra e com as pessoas. Ao se unirem somente por ocasião da morte do mestre José Amaro, indicam o quanto se distanciam da solidariedade de classe ou de seres despojados que têm possibilidade de enfrentar, pela luta, a própria realidade.

Analisando a realidade apresentada pelo trecho, percebemos também que o «galho de jitirana» e as «Flores azuis» remetem-nos ao parasitismo e à miséria ocultada, em contraste com o sintagma «boca suja». Não há consciência da realidade por parte das duas personagens. O capitão ainda indaga sobre uma possível recuperação do engenho «—... quando bota?...». Visionário, jamais chegará a ultrapassar os limites da realidade que repudia, pois utiliza elementos desta mesma realidade para combatê-la. Já para Passarinho, o elemento «fogo» é o único que revela a decadência que ele não penetra, por perceber apenas a ausência de ação e não de actantes. A indagação de Vitorino, a nível do discurso, revela a incerteza-sonho-certeza, mascarada pela junção do advérbio «quando» ao presente do indicativo, que indica

8. José Lins do Rego, op. cit., p. 290.

possibilidade. A pergunta, entretanto, prescinde de resposta e é quase adivinhação, uma vez que o Capitão jamais respeitou o negro Passarinho. Este, por sua resposta, enunciada pelo presente «está», indica a sua total inconsciência da decadência, da personagem. Só a nível do narrador é que a resposta do negro sugere a consciência da degradação.

Em **Absalom, Absalom!**, a consciência da degradação manifesta-se através de Quentin, quando se impregna da decadência ao comentar sobre o fim de Sutpen Hundred: «I am older at twenty than a lot of people who have died».⁹ Sutpen Hundred pode ser considerado como metonímia de uma época e modo de vida já findos. Sua decadência e o significado dela, como são sentidos e narrados por Quentin, evocam toda a força destrutiva do passado no presente e ampliam as conseqüências dos males gerados pela sociedade em questão. O velho Sul acabou, mas ainda permanece na alma de cada sulino que lhe sobrevive e essa permanência é pernicioso porque impede a criação e desenvolvimento de nova vida. Diferentemente das personagens de **Fogo Morto**, que vivem a decadência a um nível inconscientizado ou tentam escondê-la, Quentin tem a plena consciência dela e isso, apesar de fazê-lo sofrer profundamente, não o impede de analisá-la. Comparam-se, porém, a Passarinho e Vitorino, Clytie e Henry Sutpen, não só pelo grau de desumanização a que se vêem reduzidos, como por, concretamente, perecerem no próprio lugar que a narrativa determina como palco por excelência da trágica decaída do Sul. Jim Bond, por suas próprias características, «the scion, the last of his race», é incapaz de perceber o que o rodeia e, neste sentido, equipara-se também às personagens de **Fogo Morto**.

Pelo tratamento diferente que conferem ao tema da decadência, **Fogo Morto** e **Absalom, Absalom!** levam-nos a pesquisar a sua estrutura, em busca da justificativa para este fato.

Como se sabe, **Fogo Morto** é um romance construído em três partes, respectivamente com oito capítulos, a Primeira Parte: O Mestre José Amaro; seis capítulos, a Segunda Parte: O Engenho do Seu Lula; e sete capítulos, a Terceira Parte: O Capitão Vitorino.

9. Faulkner, op. cit., p. 377.

Estas três estórias e suas personagens são independentes, mas acham-se reunidas pela vida comum no engenho Santa Fé e pela ação do capitão Vitorino, que tem trânsito livre nos três ambientes. A estrada aparece como o tronco que atravessa o livro como um fio condutor da narrativa, ligando as três partes num todo harmônico. Por ela passam todas as personagens da estória e, à sua margem, localiza-se a tenda do mestre José Amaro, a lente focalizadora das vidas que se vão desenrolar aos olhos do leitor, através do romance. Interessante para comprovar esta hipótese é o fato de o cangaceiro Antônio Silvino transitar em ambos os lados da estrada, mas não no meio dela. Este detalhe é importante porque sugere o cangaceiro como não pertencente ao mundo retratado pelo romance — não usar a estrada pode ser tomado como o não ter lugar — e manifesta, assim, de modo mais convincente, as novas formas de desafio que vão surgindo, também motivadas pelos mesmos erros da estrutura social, mas que a narrativa confere um valor mais eficaz e positivo de delação do sistema.¹⁰

A narrativa de **Fogo Morto** é feita em terceira pessoa, por um narrador onisciente que se coloca numa posição de estreito relacionamento com as personagens, revelando-lhes o caráter, sofrendo com elas. Esse narrador, na maioria das vezes, assume o ponto de vista das personagens narradas, permitindo-nos dizer que cada uma se expressa segundo uma condição, um humor, bem marcado por matizes diferenciais: sexo, idade, cultura, temperamento. Isso comunica uma **pluralidade de tons** — as várias vozes — ao quadro pintado pelo narrador e ajuda a criar personagens caracterizadas por um rasgo moral ou físico predominante, conferindo-lhes inconfundível fisionomia. O apelo à oralidade, característica da narrativa de José Lins do Rego, também ajuda a criar o clima de verossimilhança e emoção que perpassa por todo o romance. Podemos relacionar o narrador de **Fogo Morto**

10. cf. c. Rui Facó, **Cangaceiros e Fanáticos** (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira SA, 1963) p. 46. «O surgimento e o incremento do cangaço é a primeira réplica à ruína e decadência do latifúndio semifeudal, de que também é resultante».

com o definido por Pouillon como aquele que tem a visão **com** as personagens.¹¹

A nitidez da presença do narrador, porém, aparece através de adjetivos e informações que caracterizam avaliativamente personagens e situações. Na verdade, a visão **com** não se confunde com a visão **das** personagens e ratifica a pluralidade de tons, não das vozes que se fazem ouvir no romance.

Notam-se claramente no texto que se segue as características apontadas na narrativa de **Fogo Morto**:

A figura de Seu Lula continuava como de homem marcado pelo demônio. Viam a piedade, a cara de tristeza, a cabeça baixa do senhor de engenho, quando se levantava para a mesa da comunhão. Tudo não passava de artimanha, de solércia, de hipocrisia. Lá dentro de seu coração estava a peçonha venenosa, o ódio contra todos os homens.¹²

A caracterização avaliativa das personagens e situações, tal como aparece em **Fogo Morto**, não se elabora, porém, no mesmo nível da narrativa de **Absalom, Absalom!**, bem mais trabalhada e renovadora. **Absalom, Absalom!**, sob o ponto de vista da narrativa, é a estória acerca do processo de ouvir, desenvolver e contar estórias. Quentin e Shreve ouvem a estória de Thomas Sutpen, intercalam-na com comentários, interpretações e mesmo acrescentam-na de episódios, que é a sua maneira de recontá-la a nós, leitores. Seu principal narrador, Quentin, recebe a colaboração de vários outros narradores: Thomas Sutpen, Ellen Sutpen, Rosa Coldfield, Judith Sutpen, Charles Bon, três gerações de Compsons, Shreve e o próprio leitor é convidado a resolver enigmas e a preencher lacunas. A única personagem que não narra, no livro, é Henry Sutpen. Todas estas narrativas se fazem oralmente, à exceção de duas cartas: a de Charles Bon para Judith e a de Mr.

11. cf. c. Jean Pouillon, **O Tempo no Romance** (São Paulo: Cultrix, 1974) p. 54.

M. Goyanes Baquero, **Estructuras de la Novela Actual** (Barcelona. Editorial Planeta SA, 1970) p. 160.

12. José Lins do Rego, op. cit., p. 157.

Compson para Quentin. Razão essa que leva **Absalom, Absalom!** a revelar não só a pluralidade de tons que aparece em **Fogo Morto**, como uma pluralidade de vozes que é a estória contada por vários narradores. Isso demonstra um maior questionamento do processo da ficção, ao mesmo tempo em que sugere a impossibilidade de se reconstruir plenamente a estória: há certos dados no romance que permanecem inexplicáveis. Neste sentido, a estrutura do romance funciona também como a criação de um romance, de uma estória.¹³

A maneira como se organizam o passado e os eventos em **Absalom, Absalom!** faz-se de acordo com uma criação evocativa que é a descoberta das coisas e pessoas no passado, através de uma narrativa oral. Isso implica o abandono do tempo cronológico, permitindo ao leitor tomar parte ativa na ordenação da obra literária. Com perfeito controle dos dois fios narrativos: Miss Rosa, Quentin e Shreve — respectivamente a memória e o presente ficcional —, o livro estabelece um «tempo interno» que pode ser considerado um de seus mais elaborados processos narrativos. Através desse «tempo interno», o romance enfatiza o sentimento de solidão das personagens que são evocadas em quadros isolados, como se fossem quebradas. Tal processo evocativo acha-se em perfeita harmonia com a caracterização das personagens e chama a atenção para o poder sugestivo da estrutura que, por si própria, revela o conceito de isolamento espiritual das personagens e do mundo evocado: a decadência. Por esse seu aspecto especial, **Absalom, Absalom!** funciona como uma microficção dentro da macroficção de Yoknapatawpha County.

O estudo, embora um tanto superficial, de aspectos das estruturas dos dois romances, leva-nos a perceber que a maior elaboração técnica de **Absalom, Absalom!** abona suas considerações mais específicas sobre a decadência. Comparado a **Fogo Morto**, revela-se um trabalho literário mais acabado e um instrumento de maior poder de delação social.

13. cf. c. Estella Schoenberg, op. cit., que nos capítulos I e II analisa em profundidade o assunto.

Apesar das relevantes diferenças estruturais, relativamente à temática, os dois romances acham-se bem próximos. Neles, a decadência aparece como um caminho de gradual desencanto e desilusão dos que sonham com o progresso e prosperidade para a própria família e que, não o conseguindo, passam a temer a ligação afetiva com objetos e pessoas. O capitão Tomás, Mr. Coldfield e outros exemplificam esta situação.

O desencanto com a realização social é acompanhado por um enorme sentimento de solidão que caracteriza a separação do ideal e da possibilidade de concretizá-lo.¹⁴ Em **Absalom, Absalom!**, vimos como a própria estrutura do romance nos conduz a esta conclusão. Em **Fogo Morto**, as personagens José Amaro e Lula mostram-nos a impossibilidade de evasão ao sistema, da reestruturação de velhos valores. No coronel Lula e no mestre José Amaro há a mesma incapacidade de reformular as suas vidas. Mais que violência, a revolta de José Amaro é a marca de sua impotência. Podemos observar que, à medida que sua revolta aumenta, José Amaro vai-se «transfigurando em lobisomem» — um ser temido e repellido por seus companheiros de miséria e sorte. Sabendo-se sem coragem, o seu gritar nada mais é que o reconhecimento da não-ressonância de seu dizer, da impossibilidade de se articular e articular uma forma de expressão. A página 85 lemos: «Porque não tivera filhos, porque não fora como seu pai, capaz de matar, de ser um homem de coragem, de espírito pronto...».¹⁵ Sobre a família indefesa descarrega a sua cólera: Sinhá é a culpada de todas as desgraças de seu machismo aviltado, que Marta lembra a cada instante, o que faz crescer seu sentimento de opressão, transferido brutalmente para ou contra elas. Semelhante situação vamos encontrar em **Absalom, Absalom!**, quando Sutpen propõe uma ligação a Rosa a fim de darem um herdeiro a Sutpen Hundred e, depois, ao matar a filha que tivera com Milly Jones.

14. Encontra-se suporte teórico a essas idéias nos livros de Wilhelm Reich, **The Mass Psychology of Fascism** (New York: Farrar, Straus & Giroux, 1970) e de Erich Fromm, **O Medo à Liberdade** (Rio de Janeiro: Zahar Editoras, s.d.).

15. José Lins do Rego, op. cit., p. 85.

O que fica patente por estes episódios é que o indivíduo economicamente impotente e individualmente subserviente não é capaz de criar uma auto-imagem positiva e então resvala, inevitavelmente, para o fracasso e a morte. A tensão reprimida se apresenta como violência nos atos cruéis e no discurso das personagens frustradas. Neste caso, a morte do seleiro é bastante significativa porque, matando-se, ele se dá, paradoxalmente, o direito de governar a própria vida. Já o coronel Lula, entregando-se a desvarios místicos, penetra num mundo de total submissão e alienação, como Sutpen ao entregar-se à violência desregrada. Enquanto que o suicídio de José Amaro é a aceitação da própria fraqueza e inaptidão para a luta, a religiosidade de Lula mostra a tentativa de sublimação do próprio fracasso, que é, na violência de Sutpen, o espelho da crueldade de um mundo erigido sobre castas, onde não há lugar para os mais fracos ou para aqueles que a ele não pertencem por nascimento.

Percebe-se, portanto, na atitude das três personagens, que no processo da decadência a que estão submetidas, não há evasão praticável dentro dos caminhos da normalidade. Este absurdo, o sinal da desestruturação total do sistema, vem-nos caracterizado, em **Fogo Morto**, através da monumental figura de Vitorino. Vitorino encontrou forças para afrontar o mundo que o tornara alienado, marginalizado. Evadindo-se pela loucura, não aceitou a loucura senão como instrumento de luta. É um caso em que a evasão se torna **acusação**, num processo dialético. Ele transforma-se no porta-voz da loucura de todas as personagens «normais» que, entretanto, não o compreendem. Alienado, é o acusador da alienação dos outros. Clytie, personagem de **Absalom, Absalom!**, desempenha, neste particular, a mesma função de Vitorino, quando atea fogo a Sutpen Hundred com a ajuda do idiota, herdeiro da propriedade. Queimar a fazenda é também um ato de **âcusação** contra todos que a construíram e, indiretamente, a fizeram construir. É eliminar, num ato de loucura, a loucura de toda uma sociedade que se acha escondida sob uma fachada de beleza e magnificência, que oculta a extrema crueldade de um sistema corroído pela corrupção e violência.

Finalmente, o silêncio a que são reduzidas as personagens que personificam verdades sociais e históricas — José Amaro e Lula em **Fogo Morto** — e — Henry Sutpen e Charles Bon em **Absalom, Absalom!** — mostra o fim de um mundo em que novas formas de manifestação vão surgindo, como, por exemplo, o desafio dos cangaceiros, já mencionado anteriormente e o assassinato de Thomas Sutpen por Wash Jones.

Escrevendo sobre a decadência de sua região natal, Faulkner e José Lins do Rego evidenciam não só os aspectos sociais da questão: a decadência como um resultado inevitável de meios de produção retrógrados. Também se preocupam em retratar seu aspecto humano e psicológico: a tensão entre as aspirações pessoais e a realidade, impossível de ser solucionada, a provocar um desencanto total que impede o renascer produtivo do mundo do engenho ou da velha propriedade latifundiária.

Nos dois livros, nota-se a habilidade dos autores em criar personagens e segmentos da população, a ponto de podermos considerar que o Nordeste brasileiro e o Sul dos Estados Unidos são uma de suas mais importantes personagens. Ambos, porém, como se evidenciou anteriormente, conseguem transcender a tipificação, ao criarem indivíduos reais e verossímeis. As personagens de Faulkner e José Lins do Rego, como já foi mencionado, são os perdedores e solitários, os ansiosos que nunca realmente estabeleceram uma comunicação ativa com os outros ou entraram na principal via da vida. Temos a indicar esta hipótese a sexualidade dessas personagens, quase sempre doentia e/ou massacrada.

As criaturas que povoam o mundo de **Absalom, Absalom!** e **Fogo Morto** são figuras trágicas que se acham em estado de angústia e insanidade, isolamento e solidão, como a indicar que a busca que realizaram não foi preenchida. Com isso confere-se-lhes o poder de forçar o leitor a se identificar com elas e aí reside sua universalidade e grandeza. A inabilidade do homem em se comunicar com os outros ilustra para nós a morte da alma, dando-nos uma idéia de como os autores se preocupam em descobrir a alma de seu povo — a identidade pessoal indispensável para a identidade nacional que conduz ao pensamento universal. Não apresentando soluções positivas para a situação retratada, denunciam

com maior ênfase as organizações sociais causadoras do mal. Por isso, o destino das personagens acha-se intimamente identificado com o duro mundo físico de fora que reforça a caracterização do mundo interno das personagens, num processo de interdependência, como acontece na obra de todo escritor regionalista.

Como se sabe, os escritores regionalistas distinguem-se pela importância que a terra e o processo social assumem em sua ficção. O binômio homem-ambiente condensa a trama romanesca que se desenvolve, geralmente, em interdependência. As personagens acham-se intimamente ligadas ao meio, quase como produtos de uma sociedade latifundiária injusta, que as minimiza e faz o contorno de uma problemática social que é, ao mesmo tempo, a geradora de sua problemática individual.¹⁶

Na elaboração romanesca dos autores estudados, o local assim se organiza e crescem a isso a dependência direta de outros fatores que se sobrepõem a ele. O homem, gerado e criado aí, pertence muito mais à essência do COSMOS, considerado em sua totalidade, e realiza com ele uma dialética própria. Por isso procuramos estudar os aspectos que nos permitissem armar uma leitura que esclarecesse o que os distingue em seu tratamento do regional.

José Lins do Rego se aproxima indiscutivelmente mais do sentido que caracteriza o autor regionalista «stricto senso», podendo-se considerar **Fogo Morto** como um coadjuvante da enenação variada e múltipla que faz do Nordeste brasileiro seu palco de ação. Faulkner afasta-se mais dessa definição porque a região Sul dos Estados Unidos, por ele retratada, caracteriza-se, também, como um cenário mítico, interior e ambivalente, verdadeira metáfora existencial, mais próxima, neste sentido, à criação ficcional de Adonias Filho na literatura brasileira. Por seu projeto criativo peculiar, torna-se um inovador da sintaxe do regional e do romance, experimentando técnicas narrativas que concretizam sua maior preocupação com o fazer literário.

16. cf. c. Alfredo Bosi, **História Concisa da Literatura Brasileira** (São Paulo: Cultrix, 1968).